

Elaine Corrêa Pereira
(organizadora)



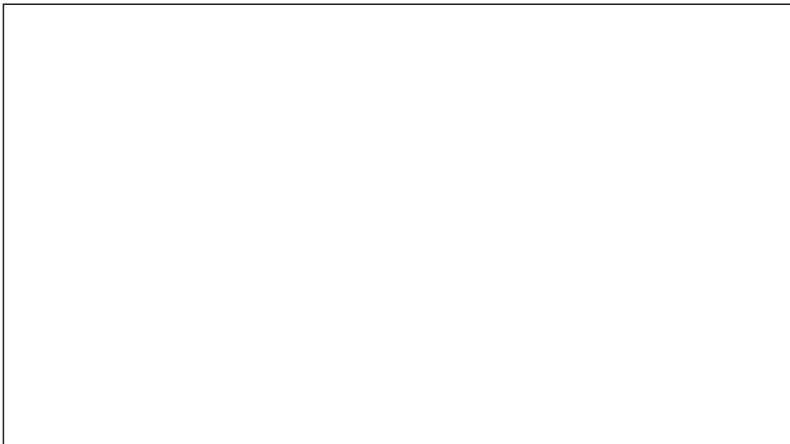
**ÁLBUM
PIBID
FURG
7**

© Elaine Corrêa Pereira

2020

Designer da capa:
Fernando de Jesus de Azevedo da Rocha
Formatação e diagramação:
Fernando de Jesus de Azevedo da Rocha
Revisão Ortográfica:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Nome , CRB xx/xxxx



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
PROFESSORA?	4
A FADA DOS SONHOS	6
A PROCURA DO TESOURO	8
A TIA QUE CUIDA O RECREIO	10
AS LEMBRANÇAS DE UM QUADRO DE GIZ	12
O LÁPIS COR DE PELE	14
O PRAZER EM APRENDER CIÊNCIAS	16
O REFLEXO DE UM APRENDIZADO	18
OBSERVAR, ESCUTAR E MUDAR	20
QUANDO A EXPECTATIVA ENCONTRA A REALIDADE	22
SONHOS SÃO PARA SEREM REALIZADOS	24
TUDO PODE ACONTECER EM APENAS UM DIA!	26
UM DIA INCRÍVEL	28
UM NOVO MUNDO	30
UM PORQUÊ PARA LECIONAR	32
UMA NOVA EXPERIÊNCIA	34
CRÉDITOS	36
FOTO	40

APRESENTAÇÃO

Uma ideia que surgiu inspirada nos amigos argentinos que trabalham com narrativa em sala de aula, foi se concretizando. Nenhum deles foi fácil de ser feito. As histórias que tem dentro deles tem gente. Tem professores de todas as modalidades e níveis de ensino, da Educação Básica ao nível Superior. Tem estudantes das Licenciaturas e das escolas. Tem revisores, tem ilustradores, estudantes das Artes. Cada um que escreveu poderia contar como foi longo o percurso de chegar a ler sua história ilustrada no Álbum!

Os Álbuns são artefato para falar sobre o PIBID e a formação de professores desenvolvida nestes anos todos em que a formação foi foco de atenção. Posso dizer que na minha vida profissional não tive experiência mais abrangente e envolvente pois tinha dentro muita gente!

Assim fui compreendendo melhor a formação docente estando no PIBID. E nele fizemos ensino, pesquisa e extensão. E os Álbuns foram um dos registros destes percursos. Quando analiso quem escreveu no primeiro e encontro em sala de aula da Educação Básica busco tentar entender porque mudar, reduzir, terminar com uma atividade educativa tão potente?

O Álbum 1 teve formato de revista e os ilustradores conseguiram expressar emoção nas ilustrações. Basta olhar o desenho do Newton e do Chevette para falar da Física. A coordenadora institucional está caricata nos dois primeiros álbuns, o segundo já em formato de caderno. Voltar a reler as histórias para pensar neste Prefácio, me faz fazer a pergunta quem dos governantes se importa com a Educação?

Os Álbuns 3, 4 e 5 tem capas com motivos abstratos, resultado esse de todo o conhecimento estético de quem coordenou o processo. Chama atenção no Álbum 3 uma história de vivência da docência em que não é raro ouvir um desabafo de alguém. Uma criança por pobreza extrema que tem fome, outra que sofreu bullying, outra por maus tratos. Ser professor é muito difícil, afirma um dos autores.

No Álbum 4 tem história de diferentes gentes, mas também de Farofa, um cachorro, e de Bola, um gato. A capa um muro de escola em que azul não é cor só de menina ou rosa só de menina! Que preconceito é este?

E chegam as férias de Agosto refletidas em uma história em que uma avó está orgulhosa porque nunca antes alguém de sua família tinha se formado na Universidade. Nem teria se formado se não fosse gratuita! Que bom que pudemos desenvolver projetos o PIBID também em EaD!

Os tempos mais promissores do PIBID terminaram ao final de 2016, mas não a convicção de que tínhamos um excelente projeto de formação. E foi assim que o Álbum 6, sob nova direção, como dizem empreitadas que trazem energia renovada, extrai esforços dos sonhos para contar as histórias de sala de aula. Formato, cores, projeto gráfico diferente e é permitido voar para outros mundos contados sobre os caminhos que levam ao ser professor.

E chegamos no sétimo! Para mim é toda surpresa! Não conheço capa, mas as histórias, adianto que são de fazer pensar estudantes de Licenciatura, para quem os Álbuns foram pensados, professores, a quem se dirigem os Álbuns para discutir as temáticas da complexa sala de aula que se desenrola a cada dia. Vejam só! O lápis cor da pele do que trata? Que temática fundamental para ser trabalhada em sala de aula, não só em sala de aula, diga-se de passagem!

Um novo mundo não é necessário mais do que nunca nos momentos que vivemos?

Para isso talvez tenhamos que buscar as fadas que habitam nossos sonhos, pois sonhos são para serem realizados. Observar, escutar e mudar, diz outra história. As histórias têm sempre um contexto. Os títulos que ressaltar fortalecem esta ideia. É preciso mudar, um mundo novo em que nossos sonhos de docência se realizam, pois é para isso que sonhamos.

Por isso, para terminar e dizer que os Álbuns são realização de um sonho de muitos porque ninguém sonha sozinho, trago um poema de um de meus poetas adorados: Carlos Drummond de Andrade e seu Poema da Necessidade em Sentimento do Mundo.

É preciso casar João,
é preciso suportar Antônio,
é preciso odiar Melquiades
é preciso substituir nós todos.

É preciso salvar o país,
é preciso crer em Deus,
é preciso pagar as dívidas,
é preciso comprar um rádio,
é preciso esquecer fulana.

É preciso estudar volapuke,
é preciso estar sempre bêbado,
é preciso ler Baudelaire,
é preciso colher as flores
de que rezam velhos autores.

É preciso viver com os homens
é preciso não assassiná-los,
é preciso ter mãos pálidas
e anunciar o fim do mundo.

Sim, este mundo que estamos vivendo precisa terminar. Um novo mundo que renove e incentive os esforços que fazemos a cada dia na Educação precisa trazer de volta o que aprendemos. Que o PIBID continue e possa contar mais mil e uma histórias de professores que entenderam o valor da docência e se constituíram professores em redes de histórias.

Profa. Dra. Maria do Carmo Galiazzi

Professora?

Naquele dia o despertador não funcionou. Acordo atrasada e preciso me preparar para ir à escola que acompanho com o Projeto do PIBID. O café da manhã vai ter que ficar para próxima. Quando chego à escola os alunos estão organizados em filas para entrarem na sala de aula, com meninos e meninas separados em filas distintas. Entrei logo atrás deles e me sentei na última fileira de mesas para observar a aula, como era meu costume. A professora passa alguns exercícios no quadro sobre frações. Assim que terminam de copiar os alunos vão pedir ajuda a professora para resolvê-los. Eu ajudo um grupo de meninas que está próximo de mim.

Professora! -alguma aluna chama. Mas ninguém responde de volta.

Professora! continua a chamar. É então que eu percebo que a professora que a aluna está chamando sou eu. Levei um susto. Logo eu, que sempre fui aluna, estava sendo colocada no papel de professora, mesmo não tendo esse título ainda. Foi a primeira ocasião em que me reconhecem pela profissão que escolhi para meu futuro. Eu atendo a aluna, que quer a minha ajuda para resolver uma questão, ela volta para seu lugar, e a aula segue normalmente.

No entanto, aquele dia eu sai de lá diferente. Eu sempre me vi como aluna, mesmo em cadeiras que nos exigiam ir às escolas, eu era unicamente uma aluna de licenciatura indo aplicar alguma oficina ou atividade. Contudo, acompanhando uma turma regularmente, os alunos começaram a me ver como professora, e assim, eu consegui me ver como professora também, e perceber, com ainda mais certeza, que está é a profissão que quero exercer. Mesmo sabendo que são tempos difíceis para a educação e da desvalorização da profissão, acredito que o professor é uma ponte para conseguirmos construir um mundo mais justo e igualitário para todos, e essa é minha motivação para seguir na licenciatura.

Autoria: Lara Rodrigues Porto

Ilustração: Lara Rodrigues Porto

Licenciatura em Ciências Exatas



A Fada dos Sonhos

Era uma vez, em meio a árvores e lagos, existia um vale chamado FURG. Nele, habitavam fadas da sabedoria, que levavam conhecimento e novas experiências às escolas de casulos. Nessas escolas, existiam crianças e adolescentes que se tornariam Fadas da FURG, de outros vales, ou até mesmo fadas do mundo sem antes passarem por algum vale, porque as transformações das pessoas levam um processo e um tempo diferente para cada um.

Um dia, uma fada do português foi para uma escola de casulo bem distante, lá ela passou meses frequentando, conversando com a turma e nunca sentia que o seu trabalho estava tendo resultado, as crianças eram agitadas e viviam em um ambiente longe da cidade.

No último dia de aula, ela sentou com três meninas e começou a fazer perguntas, querendo saber quais eram as perspectivas de vida fora do casulo.

Fada: Quais são os seus sonhos?

E uma das meninas respondeu: Ah, sei lá, acho que eu vou casar com o meu namorado...

A fada perguntou às outras meninas, mas não obteve respostas que gostaria de ouvir porque nenhuma delas conseguia enxergar além do casulo.

Então a fada decide contar um segredo a elas.

Meninas, deixem eu contar um segredo para vocês, a vida fora do casulo é uma decisão de vocês, para sair daqui só existe uma forma, estudar e ir em busca de tudo o que vocês sonharem, o mundo é de vocês. Eu tenho certeza de que vocês amariam conhecer Paris, eu também, e uma hora eu vou chegar lá. E vocês também poderão.

A partir dali, as meninas começaram a sonhar em sair do casulo e algum dia chegar a um vale e se tornar fadas do mundo.

E a fada do português ficou feliz de ter conseguido plantar uma sementinha dos sonhos, que agora crescia junto das meninas.

Autoria: Virgínia Ortódio Schuster Lopes

Ilustração: Yure Arruda Cardozo Ortiz

Licenciatura em Letras Português/Inglês



A procura do tesouro

Aquele dia, quando acordei, senti que seria um dia especial. Como de costume me preparei para ir à escola: tomei café, escovei os dentes, peguei a mochila e sai. Era véspera do dia das crianças, mas mal sabia que quando chegasse à escola iria me deparar com infinitas surpresas, as quais tornariam aquele dia muito especial na minha vida, um dia que nunca esquecerei.

Ao chegar à escola aquela manhã senti um ar de aventura, foi aí que percebi que aquela manhã seria totalmente diferente das outras. A primeira aula era de espanhol, uma das minhas preferidas, quando toda a turma estava na sala a professora fez a chamada. Logo depois ela nos disse que para comemorar o dia das crianças iríamos fazer algo diferente, então saímos em direção ao pátio.

A professora nos contou uma história e nos imergimos nessa aventura. O pátio começou a se transformar, o chão virou um mar de palavras e um barco enorme feito de papel surgiu e a professora nos conduziu até ele.

O mar era formado por palavras em espanhol, algumas já conhecidas e familiares, mas outras não eram e esse era o propósito dessa aventura. A professora nos explicou:

Nesta pequena caixa tenho palavras em espanhol às quais os significados, talvez, alguns possam conhecer, mas que a maioria desconhece. A missão de vocês é a seguinte: cada papelzinho tem um número, que indica a ordem, e uma palavra que juntos teremos de descobrir seus significados, assim, com essas pistas se formará um caminho por onde seguiremos, e por fim, acharemos um tesouro.

Depois de ter explicado nossa missão, seguimos navegando pela imensidão do mar de palavras. Cada palavra aprendida era uma pequena pista do tesouro que nos esperava.

Em nossa trajetória, nesse mundo incrível, encontramos grandes dificuldades, como, por exemplo, dificuldades para pronunciar as palavras, monstros e piratas que tentavam impedir nossa missão, fenômenos naturais como tempestades e correntezas que dificultavam nossa visão e mudavam a direção do barco. Enfrentamos inúmeras situações, mas com a ajuda da professora, que nos fornecia pistas para arcar com essas dificuldades, conseguimos seguir em frente e concluir a missão.

Ao final encontramos o tesouro, o conhecimento de uma nova língua, saber o que aquelas palavras significavam. Encontrar esse tesouro foi incrível, aprendemos bastante nessa aventura que durou o período de uma aula, mas que na realidade pareceu um dia todo de aventuras, desafios e descobertas.

Autoria: Tainá Menna Ferreira

Ilustração: Tainá Menna Ferreira

Licenciatura em Letras Português/Espanhol



A tia que cuida o recreio

Com muita disposição e nem um pouco de receio,
na escola chegava a tia que cuidava do recreio.
Do pré até o ensino médio,
não havia um que não amasse a mesma,
sabia como eliminar o tédio,
sabia como agir com dureza.

A tia se envolvia, e os problemas conseguia resolver,
todos com ela contavam, por causa de seu grande saber.
Sem o médio completo, com o seu dialeto, se perguntavam os espertos:
como essa moça tem tanto pra ensinar?
E com o peito ereto, olhando bem de perto, ela respondia certo:
pois sei o significado de amar.

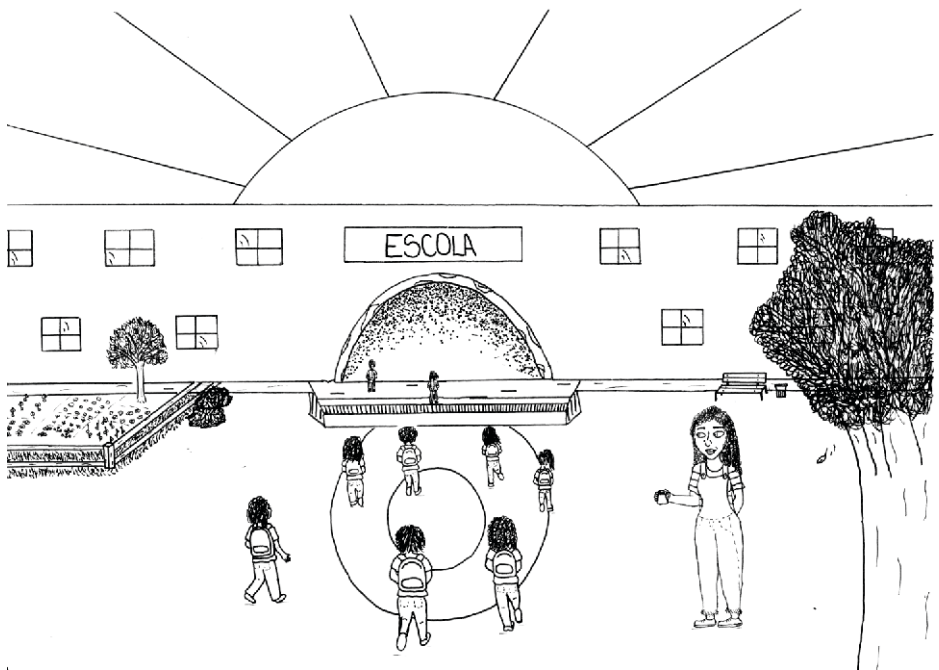
E não é que ela estava certa?
Da cantina até a diretoria,
da matina até a tarde mais fria,
não faltava nem um dia, não deixava o seu na reta.

E era pura a alegria no olhar dos estudantes.
Ajudava os esforçados,
e broncava com os tratantes.
A pergunta que ficava, uma vez por dia alguém falava:
Tia, você nunca vai faltar?

A tia não cansava em ressaltar:
Não falto não!
Tenho três filhos pra criar, uma vida pra cuidar e comida pra comprar,
enquanto, de pé eu ainda ficar, pode o mundo cair ou o sol raiar,
estarei aqui pra seu recreio cuidar.

Mas como que a senhora, que cuidava o recreio,
ensinava sem receio mais até que o professor?
Pois quem ensina, explica o mundo,
o cotidiano ou o que for,
quem ensina, não sabe tudo
mas quando ensina, é com amor!

Autoria: Jonathan Cardoso Farias Farias
Ilustração: Vitória Fontana Dutra Pereira
Licenciatura em Ciências Biológicas



As lembranças de um Quadro de Giz

Perdi a conta de quantos anos vivi nesta sala onde todo dia os seres entram e saem. Conheci a Ana, o Ricardo e a Maria há mais de trinta anos, embora não lembrem de mim. Quem diria que José sumiria do mundo tão jovem? Eduardo agora vive na frente dos meus irmãos, riscando-os com o giz na frente de crianças, como um dia ele foi. Felipe há dez anos virou pai e o seu filho vai para a mesma escola que estou. Eu, todo riscado e empoeirado. Eu, que colado junto à parede sigo o destino de tudo que é inanimado: pensar. Penso porque o homem não me fez boca, mas se com um simples giz a desenhasse, poderia eu dar a aula no teu lugar, professor. Daqui a pouco é o fim da tarde, onde alguém sempre me apaga. Me sinto tão vazio, mas não choro pois não me deram olhos. Sei que amanhã o sol traz de volta novas Anas, Ricardos e Marias. O sol traz outros Josés, que brotam da terra, renascidos com o tempo e eu permanecerei imóvel, grudado na parede, cheio de lembranças e esquecido pelo mundo.

Autoria: Laura Laco Barbosa
Ilustração: Laura Laco Barbosa
Licenciatura em Artes Visuais



O lápis cor de pele

Quantas cores cabem na pergunta Me empresta o lápis cor de pele? Fico me questionando: até onde ainda somos engessados ou presos ao que crescemos ouvindo e vivenciando? O quanto ainda temos para desconstruir e construir? Lembro-me da minha infância na escola e claramente de várias vezes em que alcancei ou pedi o tal lápis cor de pele como uma coisa comum e normal, sem ao menos notar todos os diversos tons de pele maravilhosos espalhados nas pessoas por aí.

Já do outro lado da história, como tia, certa vez presenciei um diálogo muito interessante:

Arthur: Já pintou tudo?

Joana: Falta o rosto, eu não sei que cor uso!?!

Arthur: Usa rosa, eu uso rosa, meu vizinho usa amarelo porque fala que quem tem cara rosa é porco, mas eu não ligo.

Matheus: Usa o lápis cor de pele.

Comecei a me indagar e refletir sobre qual era o lápis cor de pele e o que era cor de pele nas cabeças desses pequenos.

A conversa foi ficando cada vez mais curiosa:

Joana: Esse é o lápis cor de pele? apontando para o lápis rosa claro.

Matheus: É, cor de pele porque é igual a minha ué.

Arthur: Não, isso é rosa e não pode ser cor de pele porque não é da minha. aproximando o lápis do braço.

Então nesse ponto do debate, a professora entrevistou, explicando que o lápis na verdade era rosa claro, que também poderia ser chamado de nude, bege e salmão. Eles riram das cores diferentes, acharam as palavras engraçadas.

Joana: Nude, é assim que chama tia? em meio a risadas.

A turma voltou a colorir a tarefa, enquanto era explicado os inúmeros tons de pele que podiam existir e assim serem usados naquele trabalhinho.

Matheus: Vamos pintar a menina de bege e o menino de marrom!?! sugeriu empolgado.

E a melhor resposta de todas veio no final:

Joana: Vamos!! Marrom porque tem pessoas que são marrons, por isso marrom também é cor de pele. afirmou com muita certeza.

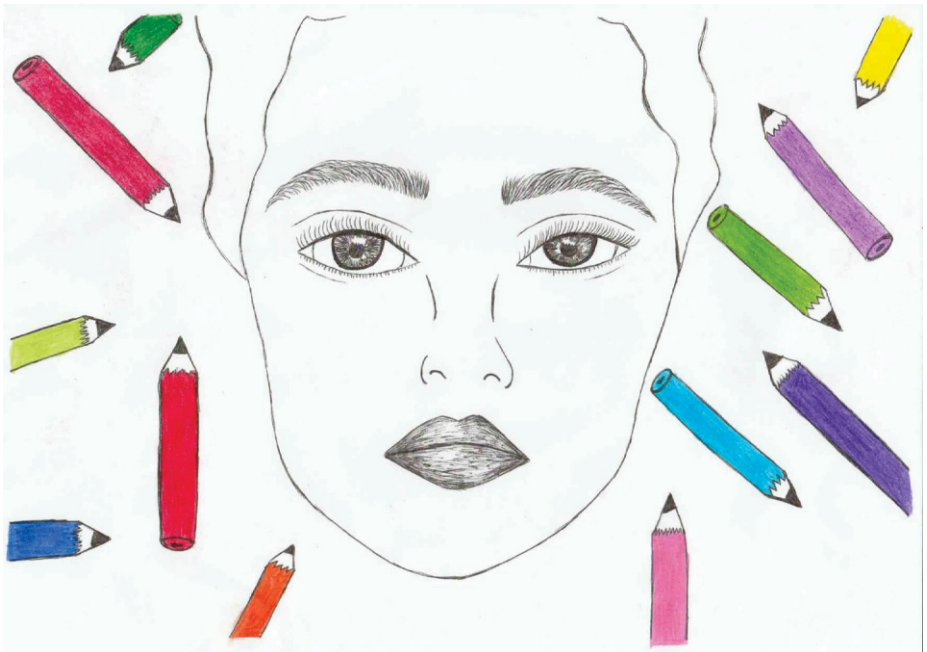
É sim, marrom também é cor de pele. respondeu a professora.

É incrível ver o quanto uma criança pode aprender quando estimulada e nos ensinar o exercício da reflexão diária. Eles entendem e compreendem todos os assuntos de uma forma rápida, inocente, livre de pré-conceitos e muito mais leve do que os adultos. Ter experiências como essa que o PIBID nos proporciona,

leva-nos a compreender o verdadeiro papel da escola e do professor que é instigar e estimular suas mentes, entrando nesse mundo mágico deles e nos colocando no lugar do outro. Pensar em conjunto com os diferentes pontos de vista nos leva a aprender com as diferenças.

Qual é a cor do lápis cor de pele? Ele pode ter muitas cores diferentes, e todas elas são lindas!

Autoria: Andressa Nunes Martins
Ilustração: Barbara Cordeiro Borges
Licenciatura em Matemática



O prazer em aprender Ciências

Aninha é uma menina de treze anos, estuda no 7º ano em uma escola pública de ensino fundamental de um bairro periférico da cidade em que vive. Como todo jovem, é uma menina agitada e tagarela, chegando a ser até demais. Isso faz com que em aula, se torne às vezes dispersa às atividades das disciplinas, o que acarreta em comprometer seu desempenho e absorção dos conteúdos.

Certo dia, ao chegar para aula de ciências, Aninha foi surpreendida pela professora Marinete, que anunciou toda contente:

Turma! Hoje nossa aula vai ser diferente, vamos fazer uma atividade Lúdica, a trilha do conhecimento.

Todos ficaram alvoroçados, questionando o que seria a atividade, então a professora os informou:

Vai ser um jogo de trilha com perguntas e respostas, relacionadas ao conteúdo de interações ecológicas que estudamos na aula passada.

Entretanto, como Aninha não gosta de participar das aulas didáticas e muito menos de se empenhar para realizar as atividades, a proposta do lúdico não lhe surgiu agrado nenhum, mostrando muita impugnação ao que lhe foi apresentado.

A professora começou organizar a atividade e colocou a trilha em cima de uma classe à frente do quadro; e junto as cartinhas com as perguntas que seriam respondidas, dividiu a turma em dois grupos, explicou as regras e assim, deu início ao jogo.

Aninha por sua vez, continuava de cara amarrada, sentada em uma classe com os braços cruzados, sem expressar entusiasmo algum, mas seus colegas em geral, mostravam-se animados e ao mesmo tempo apreensivos com as perguntas que viriam a ter que responder. Logo, começaram a acertar as respostas e avançar as casas da trilha, a animação tomou conta da turma, menos de Aninha, que ao ser chamada para se aproximar da trilha e sortear uma cartinha, respondeu a professora:

Ah, porque eu? Eu não quero participar disso!

A professora mesmo chateada com a atitude da aluna, procura incentivar:

Vamos lá Aninha, você vai ver que vai ser divertido participar.

Mesmo sem vontade, se arrastando e de cara feia Aninha foi até o grupo de colegas, e sorteou a cartinha, e leu em voz alta a pergunta descrita:

O que é mutualismo?

Aninha então, voltou ao encontro do seu grupo, e para a surpresa da professora Marinete, começou a interagir com seus colegas em busca do resultado, fato que a professora não esperava pela atitude demonstrada por Aninha até o momento. Após alguns minutos, o grupo informou que já sabia a resposta, Aninha retornou à frente da turma e respondeu:

Mutualismo é a interação entre as espécies, onde ambas se beneficiam.

A professora deu um sorriso e a elogiou:

Muito bem Aninha, parabéns! Pode jogar o dado e avançar as casas da trilha.

A menina olhou para a professora, e pela primeira vez abriu um sorriso, e na roda com os colegas estava empolgada e esforçada para responder, e avançar as casas da trilha. Seu grupo não ganhou o jogo, mesmo assim, Aninha não se entristeceu com a derrota, pois estava eufórica e ansiosa para receber os pirulitos que a professora estava entregando para recompensar o esforço e dedicação que a turma teve em realizar a tarefa. Aninha compreendeu que o ato de aprender também pode ser divertido e prazeroso, e saiu da sala, assim como seus colegas, muito animada e satisfeita com a aula que foi proporcionada pela sua professora de ciências Marinete.

Autoria: Denise de Oliveira Rossato

Ilustração: Denise de Oliveira Rossato

Licenciatura em Ciências (Novo Hamburgo)



O reflexo de um aprendizado

O ano é 2015 e ele estava no segundo ano do Ensino Médio, na Escola Estadual Mascarenhas de Moraes, em Rio Grande/RS. Na ocasião, não queria Onada com nada; pretendia cursar Engenharia, mesmo sem saber a simples tabuada. Enfim, ele se encontrava um pouco/muito perdido no que se referia ao momento pós-formatura do Ensino Médio; não sabia se iria trabalhar, estudar ou entrar para a tal Engenharia para padecer um pouquinho com algo que ele não queria.

Eis que surge na sua Escola o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), o qual ele não tinha a menor ideia do que era e muito menos do que este iria representar para ele em um futuro bem próximo. Como ele apenas queria OvarzearO em aula e se OlivrarO da Escola de uma vez, considerava que seria apenas a inserção de mais dois estagiários na sua sala de aula; no entanto, o Professor André, da disciplina de História, informa sobre o Programa e apresenta as duas ilustres figuras que irão atuar na sala de aula dele. À primeira vista, ele considerou uma loucura (no sentido humorístico mesmo), pois os alunos pibidianos eram um o oposto do outro: enquanto um era enorme, tatuado, de dreads e extrovertido; o outro era calmo, pleno e um pouco envergonhado. Mas, ambos com uma inteligência absurda. E foi nesse momento que ele conheceu as duas figuras essenciais para a sua decisão profissional, os grandes Samuel Crissandro e Miguel Castro. Ao conhecer essas duas pessoas, em uma sexta-feira de um segundo ano do Ensino Médio, foi praticamente um tapa no seu rosto, pois a cada sexta-feira que eles realizavam inserções na sua turma, cada vez mais, ele queria assistir as aulas deles e não queria mais, em termos de futuro, deixar a Escola. Portanto, ele tinha a plena e total certeza que se não fosse esse programa chamado PIBID, ele nunca teria despertado em si o sonho e a grande vontade de ser Professor, não se importando com a questão salarial, as dificuldades da profissão, etc.

O tempo passa e chega o grande momento pelo qual ele tanto tinha medo: ingressar na Universidade. E isto ocorre no Curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), mas, a maior surpresa ainda estava por vir, pois ele viria a cursar cadeiras com o próprio Samuel e o Miguel, oportunidade que gerou uma sensação muito engraçada, no momento em que sentou ao lado deles; agora, na qualidade de colega e não mais como professores e aluno; e isto ocorreu, justamente, na disciplina de Educação Patrimonial, ministrada pela Profa. Carmem Schiavon que também era a coordenadora do Subprojeto de História do PIBID e o mais engraçado, para completar este jogo de coincidências; foi que no meio do ano surgiu um novo edital de vagas para o referido Programa e ele tratou de realizar a sua inscrição no intuito de conseguir uma vaga.

Para a sua grande alegria, ele foi selecionado e começou a atuar em sala de aula como um verdadeiro professor em formação, em contraposição ao ano de 2015, quando ele não queria saber nada do quesito Escola. Mas, em 2018, esta realidade mudou consideravelmente, com o seu ingresso junto à realidade do

cotidiano escolar e a partir da certeza de que é isto que ele quer para o resto da sua vida.

E, agora, quando ele está dentro da sala de aula e olha para as carinhas dos alunos, pensa: agradeço imensamente pelo resto da vida àquelas pessoas citadas, especialmente, ao Samuel e ao Miguel, pois, se não fosse por eles, jamais ele estaria escrevendo esta história e também não iria realizar o seu sonho de não querer sair mais de uma Escola e de uma sala de aula, tendo a certeza de que quer ser para sempre, um Professor.

Autoria: Fernando Selagem Barros

Ilustração: Domingos Savio Ximenes Martins Junior
Licenciatura em História



Observar, escutar e Mudar...

Durante uma aula de Educação Física na qual participo como pibidiano, tive minha primeira frustração no papel de futuro professor. Foi durante a execução de uma tarefa em sala de aula denominada explosão de ideias a qual questionava aos alunos o que era a Educação Física para eles e cada um escreveria uma ou mais palavras que representava para eles essa disciplina.

Foi quando observei uma menina no auge de seus 12 anos de uma turma do 6º ano do ensino fundamental escrever que a Educação Física é chata. Confesso que isto mexeu com meus sentimentos. Aquilo realmente me abalou, por isso relato aqui brevemente essa história. Então, para entender o que estava acontecendo, perguntei para a menina o porquê da Educação Física ser chata para ela.

E a mesma me respondeu que as atividades propostas eram para bebezinhos e que ela já era grande para fazer aquilo. Fiquei muito triste, me senti impotente, sem saber o que fazer para mudar a visão daquela menina, aquela chata, me deixou profundamente desanimado e ansioso por mudar aquela opinião. Dessa forma, comecei a refletir e fazer questionamentos à respeito do assunto, das aulas realizadas, de como estávamos conduzindo as atividades e porque as aulas não estavam dando certo, pelo menos para aquela menina.

Na verdade percebi que vários fatores estavam contribuindo para que aquela aluna tivesse aquele ponto de vista, e essa situação, negativa e angustiante só poderiam ser revertidos na figura do professor exercendo o seu papel por meio de uma mudança de postura. Era chegada a hora de reavaliar as coisas e traçar novas estratégias e usar novas metodologias a fim de promover a mudança no parecer desta aluna sobre nossa área de atuação.

Até o momento, estávamos desenvolvendo atividades bem lúdicas e, após o relato daquela aluna e também o desânimo de outros estudantes, percebemos que talvez brincadeiras não agradassem muito tanto pela idade dos alunos, como também por ser uma turma de 26 alunos e ter certa demora para cada um desempenhar sua função na brincadeira.

O professor supervisor e eu mudamos o perfil das atividades no mesmo dia e optamos por fazer circuito motor com várias estações, deixando a aula mais dinâmica e atrativa para aquela faixa etária. Percebemos que, em um curto espaço de tempo, a visão daquela criança mudou significativamente, assim como foi possível observar que os ânimos de toda a turma tinham mudado positivamente, estavam mais dispostos e participativos. Para minha surpresa, ao término da aula ela se dirigiu a mim e solicitou autorização para reescrever a palavra utilizada anteriormente para se referir à disciplina, ou seja, a Educação Física é Legal.

Após essa experiência foi possível verificar a importância de observarmos com mais cuidado o comportamento dos estudantes nas aulas, a atitude e o papel do professor, o cuidado em estruturar o conteúdo da disciplina, em busca da melhor forma de obter o interesse e a participação dos seus alunos, assim como a socialização deles em meio ao tema, suas dificuldades e gostos e, o

mais importante: permitir que os alunos sintam-se inseridos na prática e na composição da atividade.

Por fim, acredito que no PIBID aprendi a conversar, trocar ideias, saber falar e ouvir, e por meio desses aprendizados conseguiremos atingir a integração entre o fazer, o saber, o conviver e o ser de nossos alunos.

Autoria: André Luis Martins Pinto
Ilustração: André Luis Martins Pinto
Licenciatura em Educação Física



Quando a expectativa encontra a realidade

Todos temos expectativas e sonhos. E, algumas vezes, essas expectativas ficam tão fora de controle que, quando nos deparamos com a realidade, nos sentimos impotentes a ponto de ficarmos sem palavras por minutos. Mas tem algumas ocasiões que as palavras não podem faltar, e nos pegamos tendo que ser criativos para não nos sentirmos fracassados.

Era segunda-feira no começo da tarde. Nossa segunda aula na turma em que fazíamos iniciação à docência e tínhamos feito uma atividade que, nas nossas expectativas, seria a mais legal e divertida do ano. Estávamos muito animadas para mostrar a proposta aos estudantes.

Explicamos tudo. Fizemos anotações no quadro sobre a pontuação. Mostramos a premiação. Eles pareceram empolgados com a última parte. Quando entregamos as atividades foi que veio o primeiro baque:

Aluno 1: Tá, mas eu não sei fazer isso!

Prof^a. 1: A gente mostrou pra vocês na semana passada.

Prof^a. 2: Isso! Pode olhar no caderno...

Aluno 2: Mas eu nem copieei...

Nos olhamos, a outra professora eu e, sem saber o que fazer. Na hora, tudo que a gente pensava era poxa, mas ia ser tão legal... Expectativas no chão, fomos lidar com a realidade. Mesa por mesa, conforme chamavam, explicamos a matéria e vimos eles fazerem os exercícios com dificuldade.

Não é fácil quando saímos do nosso mundinho e vemos como a realidade é realmente. Mas continuamos um passo de cada vez.

Autoria: Daiana Rebeca de Lima Bauer
Ilustração: Daiana Rebeca de Lima Bauer
Licenciatura em Química



Sonhos são para serem realizados

Milena era uma menina solitária, um pouco tímida e de expressão triste, mas muito estudiosa. Adorava livros, revistas e gibis, pois sua mãe sempre lhe dizia que o único bem que poderia lhe dar eram os estudos.

A única coisa que ela tinha e muito, eram sonhos, e ser professora era um de seus sonhos quando crescesse, pois a professora era uma pessoa que tinha muitos conhecimentos e seu olhar era de quem conhecia o mundo.

Milena resolveu que iria começar a se preparar para ser Professora e no final da aula fez um pedido para sua professora Maria:

Prô Maria, posso juntar os pedaços de giz que ficaram no quadro?

Sim, Milena, claro que pode! Mas o que irá fazer com eles, querida? (embora a professora já soubesse a resposta, mesmo assim perguntou).

Milena, muito entusiasmada com o sim da professora, respondeu:

Irei ensinar meus amiguinhos. Muito obrigada, professora!

E a professora Maria logo imaginou a sala de Milena cheia de crianças e ela atuando como professora. Sentiu-se orgulhosa de despertar o interesse nessa atividade tão importante em sua estudante.

Mas mal sabia a professora, que Milena era uma menina solitária, não tinha amiguinhos, até mesmo porque morava um pouco distante do povoado onde se localizava a escola.

Os amiguinhos aos quais Milena se referia, eram suas bonecas, surradas pelo tempo, que ficavam sentadas no chão de uma peça sem móveis que tinha em sua casa, todas posicionadas de frente para um eucatex que a mãe de Milena tinha colocado fora e ela o juntou para fazer as vezes do quadro negro.

Mas não pensem que ela ficava triste com esta situação. Não! Em sua imaginação era uma sala de aula toda branquinha, com lindas cortinas coloridas, carteiras limpinhas e os alunos ah, estes todos felizes e com uma enorme curiosidade e uma euforia só, com a oportunidade de aprender palavras novas, aprender sobre os animais, a natureza, as coisas da ciência com a professora Milena.

Hoje, fico imensamente feliz por ver esta menina-mulher conquistando seu sonho depois de quarenta e poucos anos. Para alguns pode até não ser nada, mas para mim é um orgulho que não tenho como mensurar.

Sonhos existem, para aqueles que não dependem de tempo para realizá-los, pois muitas vezes não depende somente de nós, mas das oportunidades que aparecem em nossas vidas.

E lá no fundo acho que todas nós que hoje estamos aqui temos um pouquinho de Milena.

Autoria: Elizete Domingues Batista Rocha

Ilustração: Elizete Domingues Batista Rocha

Licenciatura em Ciências (Santa Vitória do Palmar)



Tudo pode acontecer em apenas um dia!

Cecilia tinha seus vinte e poucos anos e estava cursando Pedagogia, e naquele momento realizava estágio em uma escola de educação infantil (antes disso ela tinha se formado em outra licenciatura, onde tinha contato apenas com estudantes do final do ensino fundamental e do ensino médio), porém ela não possuía a devida certeza de que tinha escolhido bem sua segunda profissão.

Em um lindo dia ensolarado, Cecilia acorda cedo, preocupada e cheia de incertezas com o que iria acontecer em sala de aula, ela se prepara do melhor modo possível, almoça e começa a se arrumar para ir dar aula para uma turma de nível II.

O tema a ser trabalhado durante todo o ano era a consciência das africanidades. Nessa bela tarde de primavera, ela e suas colegas desenvolvem as diversas atividades que tinham sido preparadas para a turma: a construção de fantoche com caixinhas de leite e a produção de massinha de modelar a partir de amido de milho e creme de cabelo.

As crianças amaram as atividades propostas e, assim, a preocupação de Cecilia ia perdendo força. As crianças iam deixando-a confortável mesmo com as suas inseguranças. Em meio a todas essas atividades, algo chamou a atenção da estagiária Cecilia.

Enquanto as crianças pintavam os fantoches livremente em suas classes, uma das meninas pediu o lápis cor de pele emprestado. Rapidamente outro estudante começa a falar que não existe tal cor, que cada pessoa possui uma cor de pele diferente.

Nesse exato momento Cecilia percebeu o quanto o trabalho com a educação infantil é importante, pois a vivência de princípios e valores deve começar desde cedo para que seja possível fazer a diferença.

Ao terminar o dia, Cecilia não só percebeu que tinha feito uma boa escolha ao cursar pedagogia, mas, também, percebeu que a educação vale a pena. Sempre vale, em qualquer circunstância!

Autoria: Thielle Mendes Machado
Ilustração: Thielle Mendes Machado
Licenciatura em Pedagogia



Thielle Machado

Um dia incrível

Depois de sentir tanto desprezo pelo número 17, por ironia do destino, ele significou um dia construtivo e cheio de aprendizagem. Duas semanas antes do dia, 17 de maio de 2019, a professora Andressa a quem a minha colega de sala de aula Nathali e eu, acompanhamos pelo PIBID, convidou-nos para planejar e desenvolver uma aula de dois períodos, no dia 17 - sexta-feira. Respondemos que sim, claro, topamos a oportunidade na hora.

Desde então, meus pensamentos só eram voltados para o dia 17. A temática da aula seria sobre latitude e longitude, assunto fácil para nossa compreensão, mas teríamos que explicá-lo e fazer isso de forma compreensível. A todo o momento perguntava-me sobre como dar uma aula atrativa, legal e que fizesse com que os alunos ficassem interessados pelo assunto?

Preparamos um material, nele continha à explicação sobre latitude e longitude, e também um exercício para que os alunos realizassem em sala de aula. Pensamos que poderia ser pouco o material para o tempo que teríamos de aula. Perguntávamo-nos se realmente fosse pouco, o que faríamos? Existiam muitas dúvidas em meus pensamentos. A única certeza que eu tinha é que teríamos que estar lá prontas para mediar àquela aula.

Chegou o grande dia 17 de maio. Recordo que chegamos à escola Porto Seguro, organizamos os materiais, pegamos um globo terrestre na biblioteca para mostrarmos para os alunos os graus do Meridiano de Greenwich e da linha do Equador. Organizando uma coisa e outra, quando vimos, chegou a hora de irmos para sala de aula e o coração disparou. Quando entramos na sala, os alunos como sempre muito receptivos, nos deixaram a vontade.

Comecei a passar o material no quadro e as crianças perguntavam se o texto era comprido. Quando mostrei para elas o tamanho, fizeram caras e bocas, mas para Nathali e para mim, o texto era pequeno até demais. Eu estava tranquila, mas nervosa ao mesmo tempo, passei duas vezes a mesma frase no quadro, até que uma aluna me chamou a atenção. O tempo passou muito rápido aquele dia, quando vimos faltavam apenas 30 minutos para acabar a aula, e o texto que tínhamos preparado, não havíamos passado nem a metade, apesar de termos tido diálogos sobre o assunto proposto e exibição das linhas latitudinais e longitudinais no Globo, passamos toda aula em função de passar o conteúdo no quadro, o que não nos agradou muito.

Foi então que lembrei o que os professores costumavam a falar nas reuniões do PIBID, que raramente a aula vai ser do jeito que o professor planejou. Pois então, se nem o texto foi dado por inteiro os exercícios que preparamos muito menos. Contudo, a experiência de planejar e realizar a primeira aula enquanto professora de Geografia foi incrível, pois foi um processo construtivo cheio de aprendizagem que só contribui para a minha formação docente. O dia 17 passou, mas as dúvidas e questionamentos só aumentaram.

Autoria: Bruna do Sacramento Duarte
Ilustração: Bruna do Sacramento Duarte
Licenciatura em Geografia

#FICAPIBID.



Um novo mundo

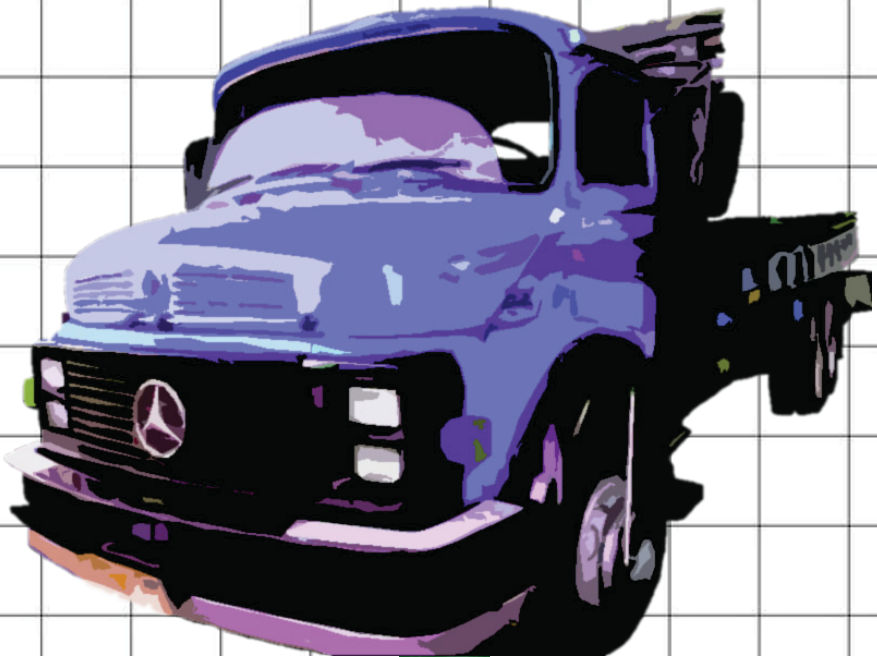
Ricardo era um guri bem ativo para sua pouca idade. Puxava corda, dobrava lona e ajudava seu pai a carregar o caminhão. Depois de tudo pronto, pegavam o estradão. Ele sabia que estavam saindo do Sul, e que o sol nascia deste lado da cabine, portanto, dormia do outro. Tentava entender aquele mapa do Brasil e, embora não soubesse ler, seu pai lhe mandava identificar São Paulo, destino para o qual se dirigiam. No entanto, o importante nessa rota era saber que a serra de Joinville subia, a serra do Azeite descia queimando os freios e a serra 90 subia novamente, para chegar, finalmente, no ponto de entrega. Chegavam à transportadora, entregavam a carga e arrumavam outra pra assim começar o caminho de volta para casa. A sua maior felicidade nem era ver os números das placas da BR 116 diminuindo, e sim pegar a BR 293, cruzar a ponte grande do São Gonçalo e sentir que estavam quase chegando a casa. Essa rotina um dia foi interrompida. Chegou a hora de ir para escola, um mundo novo, totalmente desconhecido, do qual Ricardo só sabia de sua existência e mais nada. Lá, conheceu muita gente, mas a pessoa mais importante para ele foi a professora Sônia. Ela o alfabetizou em menos de um ano, sem sequer falarem a mesma língua, pois Ricardo só falava pomerano, com comprometimento a professora Sônia lhe possibilitou a aprender a ler, escrever e a passar de série. Logo no ano seguinte, a próxima professora falou de coisas e lugares que ele conhecia, se sentiu desafiado em descobrir como ela poderia falar de lugares sem ao menos tê-los conhecido pessoalmente. Com tantas perguntas na sua cabeça, nunca mais parou de buscar e adquirir conhecimento para responder a si e aos outros, pois seu pai lhe ensinara que era muito feio não responder. Hoje Ricardo cursa Licenciatura em Educação do Campo e participa ativamente do PIBID sempre perguntando e respondendo de forma investigativa, buscando e levando respostas provisórias ...

Autoria: Carina Rusch

Ilustração: Carina Rusch

Licenciatura em Educação do Campo

BR
293



Um porquê para lecionar

Na quinta-feira, dia 25 de abril, pude observar no Colégio no qual frequento uma síntese de um momento que me pareceu ser um traço importante a ser comentado quando penso sobre minha posição atual de discente e futura docente. Cheguei alguns minutos antes do horário estabelecido e pude esperar por minha colega (também pibidiana) na sala da vice-direção. Enquanto esperava, muitas pessoas passaram por ali, tanto alunos, quanto professores e outros funcionários. Esse é um outro ponto interessante: é uma instituição grande e tudo acontece muito rápido. A estrutura em si do prédio é um tanto intimidadora (ao meu ver), também: portas enormes antigas e corredores compridos, com cores escuras e escadas infinitas. Os vitrais contrastam com o ambiente, iluminando-o.

Todos estes aspectos tomam uma forma diferente quando os alunos chegam. Com suas conversas e risadas, o lugar nem parece o mesmo. E eles são muitos. E são todos diferentes. Às vezes, acho que poderia passar um bom tempo observando-os. Alguns se fazem notar mais do que outros, mas nenhum passa despercebido. Não sei o porquê de tal encanto, mas a verdade é que mesmo nas dificuldades, acho-os fascinantes. Talvez principalmente nas dificuldades: pois é quando, normalmente, eles mais me ensinam coisas, e eu mais tenho vontade de aprender, para poder ensiná-los também.

Enquanto a minha espera ainda não chegava ao fim, passei por vários estágios. A intimidação pelo local, no qual às vezes me sinto uma espécie de intrusa. Tenho dezenove anos e acho que nem a pessoa mais exagerada do mundo usaria a palavra OaltaO para me descrever, e facilmente me perco entre os alunos. Às vezes sou confundida com eles pelos docentes, que firmemente me mandam para a sala de aula. E outras coisas. Com o passar dos minutos, fiquei mais tranquila pois sabiam como seriam as atividades e que seriam bons momentos.

E então, quando minha colega chegou, já não havia mais problemas. Não havia corredor comprido ou inseguranças de professor em formação que me fizessem hesitar em estar aonde eu deveria. Quando me sinto deslocada ou despreparada, apenas chego à conclusão de que é um passo importante do processo. E, claro, não são coisas horríveis ou permanentes: apenas o frio na barriga que acredito que todos que vislumbram o que almejam devem sentir ao se aproximarem do próprio futuro. Os alunos são a parte principal de tudo isso: são os que me motivam a melhorar e enfrentar essas pequenas incertezas. Eles são o que eu enxergo quando percebo o que preciso melhorar em mim e o porquê. Acredito que não poderia ser diferente.

Autoria: Juliana Silva de Lima

Ilustração: Juliana Silva de Lima

Licenciatura em Letras Português/Inglês



Uma nova experiência

No estado do Rio Grande do Sul, na cidade do Rio Grande, moradores de todos os lugares do Brasil podem avistar uma simples e linda escola, com uma bela árvore carregada de flores que cobrem o chão dando a ele cor nas manhãs frias de inverno.

Ao chegar nessa escola, no primeiro dia de estágio, a expectativa era enorme para conhecer os alunos e professores. Na turma do 6º Ano havia cerca de dez alunos, todos em silêncio, alguns olhando desconfiados e se perguntando:

Quem é esta menina? O que ela está fazendo aqui?

Outros levantando da cadeira como sinal:

Eiii!! Eu estou aqui!

Ao me apresentar, levanto, vou à frente da classe e digo:

Bom dia! Meu nome é Marie ¹, sou estudante do curso de Física da Universidade Federal do Rio Grande FURG.

Em seguida faço uma pergunta:

Vocês sabem o que é Física?

Alguns respondem entusiasmados:

SIM! Nós temos toda a semana aulas de Educação Física! causando alguns risos.

Então explico a eles o que a Física estuda e alguns projetos a serem feitos. No final da aula uma menina me chama e pergunta:

Você já terminou o Ensino Médio? É muito difícil? Onde fica a sua escola?

Então percebi que existe uma distância entre a comunidade e a universidade.

Em um outro encontro, a adrenalina foi grande. Ao chegar à sala, lá estavam os alunos atentos ao que iria acontecer. Proponho:

Hoje vamos conhecer a beleza dos planetas.

Viajamos até o Sol, a estrela rei. Em seguida partimos para os planetas conhecidos como planetas vermelhos e também rochosos. Comparamos seus tamanhos e aproximações até chegar ao planeta vida, a nossa casa Terra. Em seguida seguimos viagem, mas agora um pouco mais para longe. Vamos até os planetas maiores, chamados de gasosos, lindos demais. Apreciamos os lindos anéis de Saturno. Vislumbramos em azul-esverdeado, o extremamente gelado Urano, o terceiro maior planeta da família solar.

Por fim analisamos o tamanho de cada um lado a lado e percebemos que não passamos de um pontinho azul, pequeno, mas cheio de vida.

Autoria: Andressa de Lima Duarte

Ilustração: Valentina Cappelletto

Licenciatura em Física

1 Homenagem a Marie Curie, primeira mulher a obter o doutorado em Física na Europa (em 1903) e ganhadora de dois prêmios Nobel.



Créditos:

Organização:

Elaine Corrêa Pereira

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa:

Fernando de Jesus de Azevedo da Rocha e Maria Rita Clara Martins

Autores:

Artes Visuais:

Laura Laco Barbosa

Ciências Biológicas:

Jonathan Cardoso Farias Farias

Ciências EaD (Novo Hamburgo):

Denise de Oliveira Rossato

Ciências EaD (Santa Vitória do Palmar):

Elizete Domingues Batista Rocha

Ciências Exatas (Santo Antônio da Patrulha):

Lara Rodrigues Porto

Educação do Campo (São Lourenço do Sul):

Carina Rusch

Educação Física:

André Luis Martins Pinto

Física:

Andressa de Lima Duarte

Geografia:

Bruna do Sacramento Duarte

História:

Fernando Selagem Barros

Letras Espanhol:

Tainá Menna Ferreira

Letras Inglês:

Juliana Silva de Lima

Letras Português:

Virginia Ortodio Schuster Lopes

Matemática:

Andressa Nunes Martins

Pedagogia:

Thielle Mendes Machado

Química:

Daiana Rebeca de Lima Bauer

Gestão Institucional:

Elaine Corrêa Pereira (Coordenadora Institucional)

Felipi Ramiro Sobral (Estagiário)

Fabricio Paula de Souza (Estagiário)

Núcleos do Projeto Multidisciplinar:

Artes Visuais e Educação Física:

Ana Zeferina Ferreira Maio

Luciana Toaldo Gentilini Ávila

Mirella Pinto Valério

Rita Patta Rache

Ciências Biológicas, Física e Química:

Eliane Cappelletto

Emanuela Garbin Martinazzo

Sônia Marisa Hefler

Ciências EaD e Ciências Exatas:

Aline Machado Dorneles

Charles dos Santos Guidotti

Raquel Pereira Quadrado

Educação do Campo e Letras Português:

Berenice Vahl Vaniel

Lúcia Lovato Leiria

Geografia e História:

Carmem Gessilda Burgert Schiavon

Cláudia da Silva Cousin

Letras Espanhol e Letras Inglês:

Ana Paula Alba Wildt

Camila Lawson Scheifer

Maria da Graça Carvalho do Amaral

Matemática e Pedagogia:

Ana do Carmo Goulart Gonçalves

Débora Pereira Laurino